



**Emaranhamentos
multiespecíficos
com as plantas.**

**Dias 29 e 30
de novembro
de 2022**

FFLCH-USP
Prédio de Ciências
Sociais e Filosofia
Sala 8

① **Cuidados
e cultivos**

② **Contra-
domesticação
e outras
resistências**

③ **Plantas
daninhas e
monoculturas
urbanas**

④ **Solos
cultivados,
subsolos
e raízes**

Alteridades vegetais:

Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

Programação

FFLCH-USP [Sala 8]
Prédio de Ciências
Sociais e Filosofia.

29/11 – 3ª feira

[9h00 – 9h30]

Abertura
com Profª Marta
Amoroso e comissão
Cadernos de Campo.

[9h30 – 12h30]

① Cuidados e cultivos

com Carlos Papá,
Anai Vera, Roberto Romero
e Pedro Paulo Salles.

[mediação] Karen Shiratori

[14h00 – 17h00]

② Contra-domesticação e outras resistências

com Renato Sztutman,
Karen Shiratori, Jera Guarani,
Manuela Carneiro da Cunha
e Emanuelle Fabiano.

[mediação] Aline Oliveira

30/11 – 4ª feira

[9h00 – 9h30]

Exibição de *Jardim de Passagem*, registro da performance de Teresa Siewerdt (2014).

[9h30 – 12h30]

③ Plantas daninhas e monoculturas urbanas

com Giselle Beiguelman,
Miryam Nascimento,
Gabriela Leirias e
Wellington Cançado.

[mediação] Diana Gómez

[14h00 – 17h00]

④ Solos cultivados, subsolos e raízes

com Marta Amoroso,
Joana Cabral,
Eduardo Neves, Kuni
Yawakuni e Aline Oliveira.

[mediação] Joaquim Almeida

Alteridades vegetais:

Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

O objetivo do evento *Alteridades Vegetais* é reunir pesquisadoras e pesquisadores, indígenas e não-indígenas, de diferentes áreas do conhecimento das ciências humanas interessados pelas vidas vegetais e seus emaranhamentos multiespecíficos. As chamadas "interações vegetais" abrem espaço para abordagens inovadoras e interdisciplinares que nos convidam a experimentar com pensamentos e epistemologias outras, em vista de abrir espaço para novas ferramentas conceituais, menos centradas na humanidade enquanto sua figura paradigmática. O evento pretende fomentar discussões que partem de socialidades outras-que-humanas, em especial, das agências dos seres vegetais a fim de tecer alianças diante do atual aprofundamento da crise ambiental e climática.

ALTERNANÇAS VEGETAIS

29/11 [9h30 – 12h30]
[mediação] Karen Shiratori

① **Cuidados
e cultivos**



① Cuidados e cultivos

Carlos Papá e Anai Vera

"Ajepota ka'aguy rokýre": o encantamento dos brotos e das plantas

Alteridades vegetais:
**Emaranhamentos
multiespecíficos
com as plantas.**

A partir da narrativa de como surgiram as coisas no meio do escuro nos tempos antigos, propomos uma aproximação à sabedoria e ao pensamento Guarani, através de uma crítica ao termo "mata atlântica" e um debate sobre termos guarani relacionados às plantas e à floresta para compreender que, tudo que nasce, dança, e produz encantamento.

① Cuidados e cultivos

**Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.**

Roberto Romero

A floresta virtual: cultivar relações com os Tikmū'ūn-Maxakali

Habitantes milenares das florestas de Mata Atlântica que cobriam toda a região da atual fronteira entre os estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo (Brasil), os Tikmū'ūn — mais conhecidos como Maxakali — viram o seu território se converter num imenso deserto de capim colônia à medida em que a frente colonizadora avançou pela região a partir do século XIX. Apesar de habitarem, hoje, uma terra arrasada, os Tikmū'ūn preservaram em seus corpos, palavras e memórias a diversidade dos seres visíveis e invisíveis que habitam ou já habitaram suas florestas. Através de um vastíssimo complexo musical e ritual conhecido como yãmīyxop, estes homens e mulheres atualizam diariamente a presença da floresta em suas vidas, a despeito de toda a destruição do território que lutam para retomar e reflorestar. Nesta apresentação, revisito o histórico da devastação dos vales do Mucuri e Jequitinhonha e aponto os vínculos dos povos Tikmū'ūn com a floresta e seus habitantes ancestrais. Por fim, apresento as recentes iniciativas destes povos para retomar a terra e a vida em seus territórios, em particular a experiência da Aldeia-Escola-Floresta, uma iniciativa que combina arte, política e educação “para fazer voltar a mata, as águas e os bichos” numa área retomada em Teófilo Otoni (MG).

① Cuidados e cultivos

Pedro Paulo Salles

O caminho das taquaras noturnas: interações vegetais e sonoras

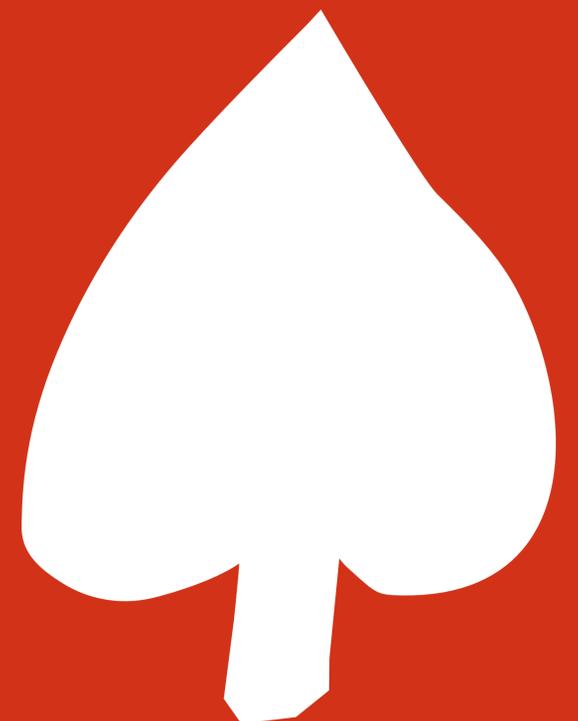
Nesta comunicação pretendo discutir o devir-flauta das taquaras iyana e seus fluxos na cosmologia do povo Haliti Paresi do Mato Grosso. Os percursos dessas taquaras descrevem redes de relações entre plantas, humanos, espíritos e animais até a sua metamorfose em aerofones cantores denominados Iyamaka, “flautas” ou simplesmente jararacas. Um feixe de relações interespecíficas opera transformações em seu corpo lenhoso e em sua notável diversidade ontológica e sonora. Neste processo, marcado por um regime cosmopolítico, importa definirmos seus percursos transformativos e performativos – como caminhos que atravessam tempos e espaços, conformando localidades distintas em diferentes planos de uma geografia cósmica – e as estratégias relacionais que se estabelecem, como a contradomesticação, o mutualismo e o comensalismo.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

ALTERNATIVAS
VEGETAIS

29/11 [14h00 – 17h00]
[mediação] Aline Oliveira

② **Contra-
domesticacão
e outras
resistências**



② **Contra- domesticação e outras resistências**

Renato Sztutman e Karen Shiratori

Resistir ao plantationceno: em busca de práticas de contradomesticação

A Plantation leva ao limite a noção de domesticação – domesticação de plantas e animais, mas também da paisagem e dos seres humanos. Nesta apresentação faremos, num primeiro momento, um balanço crítico do termo Plantation em contraposição à noção de Antropoceno e, em seguida, abordaremos a atualização das críticas acerca do conceito de domesticação. Nossa intenção é pensar antídotos para a "domesticação generalizada" (Hage 2017) e, para tanto, desdobraremos a ideia de “contradomesticação” a partir de exemplos indígenas e não indígenas — sugeridos por diferentes autores.

Alteridades vegetais:
**Emaranhamentos
multiespecíficos
com as plantas.**

② **Contra-
domesticação
e outras
resistências**

Jera Guarani

**Corpos firmes,
espíritos alegres e fortes**

Alteridades vegetais:
**Emaranhamentos
multiespecíficos
com as plantas.**

Como consagrar, plantar, colher e comer sem destruir a mata, e ainda se alimentar de forma necessária e completa.

② **Contra-
domesticação
e outras
resistências**

Manuela Carneiro da Cunha

Agricultura de brincadeira das baixas terras da América do Sul?

No seu derradeiro livro, publicado em colaboração com um arqueólogo, o importante antropólogo David Graeber chama a agricultura praticada pelos povos indígenas das baixas terras sul-americanas de agricultura de brincadeira. Vale a pena se deter nas características de alguns exemplos dessa agricultura para entender sua natureza e as relações que esses povos tecem e mantêm com os vegetais.

Alteridades vegetais:
**Emaranhamentos
multiespecíficos
com as plantas.**

② **Contra- domesticação e outras resistências**

Emanuele Fabiano

Árvores em guerra, guerra às árvores: Cidades dendríticas e diplomacia vegetal entre os Urarina da Amazônia peruana

No discurso xamânico urarina, uma extensa rede de metrópoles ocupa a floresta, uma para cada árvore. Estas “cidades dendríticas” possuem características fortemente normativas e até opressivas, cujos modelos hierárquicos e autoritários definem a relação entre as entidades vegetais não humanas que as habitam, as diferentes espécies de árvores, e seus “vizinhos humanos”. A escravidão, a produção, a tecnologia e o comércio controlam a vida dessas enormes cidades-estado vegetais, lugares que se destacam em produtividade e eficiência, onde o cultivo intensivo, a criação de animais em larga escala e a fabricação de artefatos industriais sustentam uma “fitopolítica de guerra” generalizada. Meu trabalho analisará como meus interlocutores Urarina descrevem algumas espécies de árvores e como as modalidades de interação com este complexo universo vegetal informa as relações de poder e as lógicas de dominação experimentadas com a sociedade não indígena.

**Alteridades vegetais:
Emaranhamentos
multiespecíficos
com as plantas.**

Exibição do vídeo
documento da
performance

30/11 [9h00 – 9h30]

Teresa Siewerdt

Jardim de passagem, 2014

Jardim de passagem é uma performance realizada em São Paulo, no ano de 2014, na linha de ônibus Terminal Santo Amaro – Terminal Pinheiros. A performance apresenta 25 pessoas, cada uma carregando uma planta diferente, que sobem em um mesmo ônibus, uma a cada parada do trajeto, em um horário combinado. A primeira pessoa embarca no primeiro ponto, e assim, sucessivamente cada uma delas vai embarcando no veículo formando uma espécie de jardim temporário. Ao final todos desembarcam no último ponto do trajeto e procuram alguém para entregar a planta. Então o jardim se dispersa pela cidade.

Alteridades vegetais:

**Emaranhamentos
multiespecíficos
com as plantas.**

ALTERNATIVAS
VEGETAIS

30/11 [9h30 – 12h30]

[mediação] Diana Gómez

③ Plantas daninhas e monoculturas urbanas



③ **Plantas daninhas e monoculturas urbanas**

Giselle Beiguelman

Daninhar o mundo é preciso: do jardim eugênico a outras possíveis naturezas errantes

A palestra apresenta a pesquisa feita para o projeto artístico Botannica Tirannica, que envolveu o mapeamento de centenas de espécies de plantas com nomes pejorativos e racistas (científicos e populares), muitas das quais consideradas “daninhas”, e sua posterior recombinação com recursos de inteligência artificial. Entre seus resultados, destaca-se a criação de jardins reais e virtuais, que procuram tensionar as dimensões colonialistas da relação entre cultura e natureza, por meio de suas estéticas, tecnologias e linguagens.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

③ Plantas daninhas e monoculturas urbanas

Miryam Nascimento

Coca, campesinato e mestiçagem na Colômbia

O que significa ser um camponês mestiço em contextos de cultivo ilícito de coca na Colômbia? Baseado em um trabalho etnográfico de 15 meses em Lerma, uma comunidade *cocalera* do departamento de Cauca (sudoeste colombiano), estudamos como, durante o cultivo da coca, os camponeses interagem intimamente com a planta, configurando formas de cuidado e hábitos interspécie a partir dos quais emergem diferentes tipos de identidades campesino-mestiças. Ao analisar o cultivo da coca como uma prática semiótico-política, argumentamos que durante o cultivo, colheita e cuidado da coca, são impregnadas de uma série de qualidades materiais (folhagem, cor, biodiversidade, lucro [rinde]) na planta, as quais serão depois vinculadas a valores e tipos de identidades campesino-mestiças. Argumentamos que as propriedades da coca indexam dois tipos de processos de mestiçagem camponês: um que conducente ao branqueamento, próprio de uma aproximação empresarial à produção *cocalera* e outro tendente à etnização, característico de uma aproximação indígena e tradicional à planta. Desta forma destacamos a coca como um motor que articula a mestiçagem na Colômbia ou como uma planta que canaliza diferentes formas de conectar o mundo andino com o ocidental e branco. Longe de ser um objeto inerte, a coca é um agente crucial em processos de marcação racial, um agente vegetal que, por meio de formas de significação não-humanas, contribui à criação de fronteiras identitárias e diferentes ordens políticas e ontológicas.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

③ Plantas daninhas e monoculturas urbanas

Gabriela Leirias

Poéticas e políticas vegetais

Um percurso por jardins-hortas-roças-florestas agenciadas por projetos de arte e ativismo que tem as plantas como linguagem em experimentação. Será apresentado o Projeto Jardinalidades, uma plataforma de pesquisa e produção que investiga a jardinagem como possibilidade e potencialidade de elaboração poética, muitas vezes crítica, que cria abordagens e estéticas singulares. Por meio de ações críticas, poéticas, táticas, os projetos problematizam entendimentos de natureza no contemporâneo, expõem violências que se estendem sobre as plantas, os corpos, a terra e o território. Tornam visíveis urgências contemporâneas e fabulam possíveis. Sonham terra e o Comum diante do Antropoceno.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

③ Plantas daninhas e monoculturas urbanas

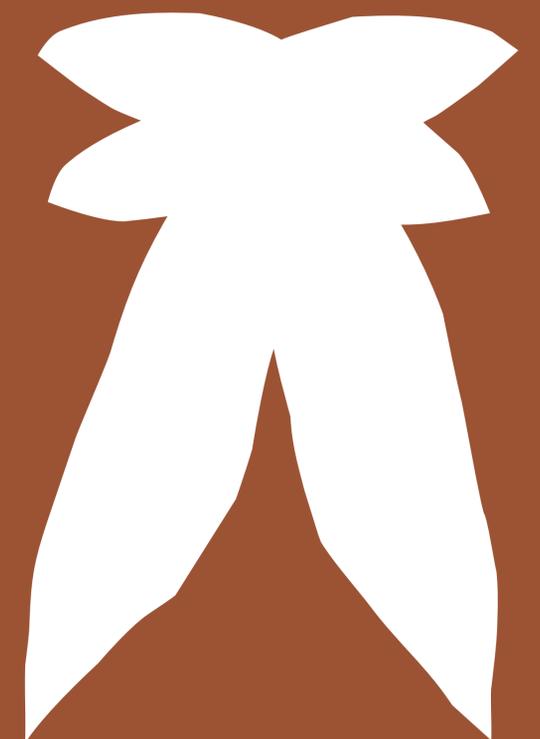
Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

Wellington Cançado **Destropical**

Dos gramados envenenados na esquina aos desertos de soja transgênica no Centro-Oeste, atravessando ruas povoadas de árvores exóticas, condomínios tomados por espécies daninhas, hipermercados abarrotados de plantas-mercadorias, pastagens de capins invasores e florestas arruinadas por toda parte, reina a mononatureza. No continuum da urbanização extensiva, cidade e agrilogística são duas formas distintas, mas não dicotômicas, do projeto (auto)colonial brasileiro de submissão dos emaranhados de vidas nativas aos desígnios estéticos de determinados humanos; compõem a matriz espacial do Antropoceno nos Trópicos e, como máquinas anti-bióticas, engendram um regime paisagístico eminentemente destropical.

30/11 [14h00 – 17h00]
[mediação] Joaquim Almeida

④ Solos cultivados, subsolos e raízes



④ Solos cultivados, subsolos e raízes

Marta Amoroso

Histórias emaranhadas, arquivos subterrâneos

Esta apresentação se volta para as relações dos Mura com as espécies companheiras com as quais constroem caminhos e lugares que constituem histórias na paisagem do baixo rio Madeira. Nos interessa especialmente as relações dos Mura com as plantas não cultivadas, aquelas que na acepção das horticultoras locais não *brotam*, mas sim *boiam* na superfície do solo e portam valores indiciais de relacionidades multiespecíficas muito antigas. Terranos, povos que cuidam da área que receberam dos ancestrais, os Mura da Terra Indígena Cunhã-Sapucaia habitam um ambiente de floresta tropical densa bastante preservado, área mais recentemente protegida por um mosaico de unidades de conservação criadas na virada do século XXI. A etnologia das primeiras décadas do século XX contrastou os Mura aos Pirahã, com base nas experiências radicalmente opostas de contato destes coletivos. De um lado a escravidão e trabalho compulsório nas frentes extrativistas, a classificação de aculturados pelos órgão de tutela. De outro, o isolamento voluntário, o contato tardio, a manutenção da língua isolada mura-pirahã. A perda da língua e a adoção do nheengatu restavam como traços a atestar o impacto irreversível da experiência do contato dos Mura. A abordagem multiespecífica das práticas forrageiras nos devolve para as trilhas que conectam os Mura e os Pirahã, para qualificar o teor das suas retomadas mais recentes, a intenção de adoção da língua Mura-Pirahã na escola indígena Mura.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

④ Solos cultivados, subsolos e raízes

Joana Cabral

Reflexões de subsolo: Notas sobre disputas traçadas pelas raízes

Em um cenário político de alta pressão sobre os povos indígenas no Brasil, fica patente que os modos de cultivo e produção agrícolas estão no epicentro das disputas, uma vez que o agronegócio e a ideia de desenvolvimento que ele alavanca, tem sido uma das bandeiras políticas de governos sucessivos e está no centro de disputas territoriais. Irei aqui pensar alguns conflitos a partir de como a morfologia e etologia de algumas plantas, tomando como foco as características de suas raízes, permitem narrar histórias de uma cosmopolítica em que solo, plantas e humanos se emaranham de diversas formas. Tomarei alguns motes etnográficos justapostos para realizar esse exercício reflexivo, entre eles a relação dos Aranã Caboclo com o mamãozinho de veado (*Jacaratia corumbensis*); entre os Wajãpi e as mandiocas e; a invasão da *Acacia mangium* em territórios Macuxi e Wapichana.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

④ Solos cultivados, subsolos e raízes

Eduardo Neves

Como a Amazônia foi formada pelos Povos da Floresta

A arqueologia da América do Sul é tradicionalmente dividida em dois grandes blocos que em muitos casos não se comunicam. De um lado, as terras altas dos Andes Centrais, supostos centros de inovação cultural, de outro, as terras baixas, incluindo a bacia Amazônica, que seriam áreas periféricas na longa história indígena da região. Nos últimos anos, pesquisas arqueológicas feitas na Amazônia têm demolido essa divisão estanque ao demonstrar como algumas inovações tecnológicas importantes, como o início da produção cerâmica, da construção de monumentos e do cultivo de plantas, ocorreram antes na Amazônia que em outras partes do continente. Esta fala apresentará as evidências da história de cultivo de plantas pelos povos indígenas na Amazônia e procurará demonstrar como tais práticas nos forçam a propor alternativas a categorias analíticas consagradas na arqueologia, como a de Neolítico. Será também discutido como é impossível hoje separar a fundamental contribuição dos povos da floresta — indígenas, quilombolas, beiradeiros — na formação dos biomas que atualmente compõem a Amazônia, que deve portanto ser entendida como patrimônio biocultural, além de patrimônio cultural.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

④ Solos cultivados, subsolos e raízes

Kuni Yawanawa e Aline Oliveira

Nukê vana tapû: o broto e a raiz como crescimento e conhecimento

Conta a história Yawanawa que as “medicinas do pajé” — como o *huni* (cipó), o *rome* (tabaco) e o *yutxi* (pimenta) — nasceram do corpo de um grande líder, enterrado após sua morte. Neste trabalho iremos pensar sobre o nascimento e crescimento das plantas e sua relação com o desenvolvimento do poder e conhecimento xamânico dos Yawanawa, povo queixada do tronco linguístico Pano que vive às margens do rio Gregório, na Amazônia acreana. Apresentaremos sobre os cultivos na aldeia Yawakuni, com ênfase no plantio e crescimento do *huni* (banisteriopsis caapi) e do *kawa* (*psychotria viridis*), que são as plantas que formam o *uni* (ayahuasca). Abordaremos suas preferências por determinados locais, solos, espécies ou alimentos, como a mistura de *êpê txapu* (palmeira), *waka paiti* (areia do rio) e *tara txapu* (madeira podre). De forma análoga a processos de germinação e enraizamento, nas dietas xamânicas cada medicina vegetal é plantada no corpo do aprendiz de pajé, que é como a terra esperando nascer vana. A força vegetal cria raízes (*tapû*) no corpo do pajé e deve ser desenvolvida de modo que vana traga conhecimento nos sonhos. Através de diferentes dietas (*samakei*) na formação de um pajé yawanawa podemos entender a relação do crescimento das plantas com o poder plantado nos corpos. Para isto, mencionaremos brevemente três dietas: o *mama* (caíçuma de mandioca) que abre para cantos festivos de terreiro, o *nane* (jenipapo) para cantos e rezas de cura e tratamento, e o *yutxi* (pimenta) que fortalece o pensamento e a palavra como um adubo que ajuda o broto crescer forte.

Alteridades vegetais:
Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas.

ALTERNATIVAS VEGETAIS

organização

**cadernos
de campo**



fflchANTROPOLOGIA

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA



fflch

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

apoio



**PRPi
USP**

PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E INOVAÇÃO



fflch

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL



ces

Centre for Social Studies
University of Coimbra

**ECO
AMAZONIA**

USP